

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho: GT 20 - Religião, conflitos e questão de secularização**

**Será a desmarcação de elementos religiosos nas mercadorias
um indício de secularização? A economia dos símbolos
religiosos nos bens de consumo a partir de casos paradoxais**

**Daniel Alves^{*}
Universidade Federal de Goiás**

Catalão-GO, Junho de 2017.

^{*} Docente e pesquisador do Instituto de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Coordenador do projeto de pesquisa “Religião e consumo: análise da circulação e consumo de bens religiosamente marcados na microrregião de Catalão-GO”, com apoio individual de pesquisa do CNPq (Edital Universal 2014). Agradeço a Kaique Matheus Cardoso, que auxiliou na análise de conteúdo da banda Rosa de Saron, e mais uma vez agradeço ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-UFG) destinada a ele quando era discente de Ciências Sociais na Regional Catalão.

Em matéria de O Popular, jornal afiliado às Organizações Globo e de produção no Estado de Goiás, leu-se sobre um libelo judicial da Arquidiocese de Goiânia direcionado a Ana Smile, que proibiu a venda de sua arte pela internet. O juiz responsável pelo caso determinou que o descumprimento seria passível multa de 50 mil reais. Vale a pena ler a matéria jornalística:

Na ação, proposta pela Arquidiocese de Goiânia, alega-se que Ana faz “sátira” com os personagens religiosos. De acordo com a decisão, ela também deve excluir os perfis “Santa Blasfêmia” do Facebook e do Instagram, onde comercializava seus produtos.

A Arquidiocese de Goiânia disse em nota que “a autora extrapolou, deliberadamente, seu direito constitucional de livre manifestação de pensamento, ferindo também o direito constitucional da Igreja Católica, de inviolabilidade de consciência e crença”. Segundo ainda o comunicado, além das estatuetas, as postagens nas redes sociais “ofendem a coletividade, violando o sentimento religioso, ao empregar escárnio, sátira e ironia”.

A artista afirma não entender o motivo da decisão e salienta que o intuito ao fazer as esculturas não era atingir qualquer religião. Segundo ela, as peças são apenas fruto “de um trabalho ligado à arte pop”. (“ARTISTA é proibida de fazer escultura de santos inspiradas na cultura pop”, 2016)

A incorporação de significados da cultura pop em significantes tradicionais católicos, justapondo sentidos que por princípio religioso sacerdotal deveriam estar separados, deu o sentido de blasfêmia que certamente mobilizou a Arquidiocese de Goiânia a esta ação judicial, que pode ser vista como uma espécie de catequese pública envolvendo administração de imagens em redes virtuais. Curioso é que a impressão de sentidos tradicionais, católicos e de outras religiões, distribuídos e vendidos cotidianamente por uma seção da indústria nacional dedicada à produção de “artigos religiosos” ou “música religiosa” não é vista como problema. Signos religiosos em formatos modernos são bem menos ofensivos a certa perspectiva sacerdotal que signos modernos em formatos religiosos, dado que não há informação de que a Igreja Católica tenha levado a cabo processos semelhantes a esse contra casas publicadoras evangélicas ou bandas católicas. A artista operou pela inversão da lógica que leva ao consumo de artigos religiosos transformando objetos com formatos

tradicionais em ponto de reflexão para além da religião, evidenciando num só golpe a sacralização do pop e a generalização do religioso.

Será difícil encontrar hoje líderes religiosos que ponham problemas declarados em relação a comércio de artigos religiosos. As mensagens estão por toda a parte: DVDs de padres cantores católicos popstars, biografias de líderes evangélicos que dialogam com autoajuda, romances espíritas que tangem à linguagem da ficção científica, todos vendidos em livrarias “seculares”. Os modernos suportes de mídia aceleram a disposição das imagens religiosas e seus sentidos ao público, desde a bíblia de Lutero até o Facebook da Santa Sé. A difusão das imagens, sejam as visuais ou aquelas contidas nos textos, é jogo de risco para as religiões de superioridade moral com pretensões universais, porque a circulação das imagens estimula a crença das comunidades religiosas ao mesmo passo em que torna mais difícil o controle da interpretação típica do exercício sacerdotal (WEBER, 2000). As reações da Arquidiocese de Goiânia aos “santos pop” de Ana Smile, ou dos sacerdotes católicos europeus aos romances de Dan Brown (“ANJOS e demônios’ desperta a ira da Igreja Católica antes mesmo da estreia”, 2009) revelam essa dificuldade regulatória, com implicações financeiras evidentemente desiguais para ambos os artistas.

Ao final deste *paper*, teremos passado, em intensidades diferentes, por dois exemplos inversos a esse primeiro. Tratarei empreendimentos comerciais relacionados com a difusão de mensagens religiosas que, no desenvolver de suas atividades, redirecionaram toda ou parte dessas atividades para atingir um público mais amplo, *desmarcando* os símbolos religiosos de sua produção. A pergunta que fiz no título será respondida ao final do texto, e qualquer resposta imediata e peremptória a ela seria superficial. Trata-se de uma questão de interpretação que envolve relacionar os redirecionamentos de dois empreendimentos com um processo social de larga escala.

Quando marcar uma roupa com mensagens religiosas

A senhora Valdirene construiu com o marido Itamar uma estamperia caseira, destinada especialmente aos irmãos da igreja Assembleia de Deus em Abadia de Goiás, cidade próxima a Goiânia, nos anos 1980. Apesar da pequena escala do negócio, desde o início o casal se deu conta de que havia um nicho de mercado a ser explorado, por conta do interesse de membros de outras igrejas pelas camisetas com mensagens religiosas. Com o tempo Marka da Paz foi produzindo suas próprias camisetas. Essa produção dizia respeito tanto à confecção quanto à arte gráfica. Marka da Paz é conhecida especialmente pela qualidade da malha comprada em São Paulo, a qual é cortada, costurada e estampada na fábrica. A gerência do processo é controlada pelo casal, e um dos filhos toma conta da seção de arte. O filho mais velho do casal está se preparando para consolidar-se como pregador itinerante, e conduz um ministério para jovens, o “Ministério Transformados”.

Há cerca de cinco anos, Marka da Paz passou a diversificar seus produtos para ampliar o mercado. Considerando a inserção em lojas multimarcas, a família passou a investir em coleções (outono-inverno, primavera e verão) sem marcação religiosa. Os lançamentos são acompanhados de catálogos e seguem os propósitos e a arte-final das revistas de moda seculares. Os filhos e as noras de Valdirene são modelos nos catálogos Marka da Paz. Mesmo assim, a produção das camisetas com mensagens religiosas segue sendo o carro-chefe da empresa. Instada por mim a fazer um raciocínio retrospectivo, a senhora Valdirene concordou que seria impossível uma fábrica daquela existir 25 anos antes, porque não existia ainda mercado para tanto. Para ser mais preciso, diria eu, não existia “evangélico” como segmento.

De “Deus” a “você”: análise de conteúdo das letras da banda rosa de saron

Em trabalho de campo realizado entre vendedores de lojas religiosas e jovens que participam ativamente de grupos em igrejas na cidade de Catalão (GO), as bandas mais mencionadas espontaneamente foram Diante do Trono (evangélica) e Rosa de Saron (católica). Nesses dois casos, por conta do

alcance que essas bandas conquistaram nos últimos anos, essas bandas eram mencionadas tanto por evangélicos quanto por católicos. Certamente os acordos que ambas as bandas fizeram com uma gravadora comercial secular, a Som Livre das Organizações Globo, tem influência nesse amplo reconhecimento.

A banda evangélica Diante do Trono tem sido a grande alavanca das Organizações Globo para produção e distribuição musical dentro do meio gospel, o que gerou reações de um conglomerado midiático-religioso há anos em conflito com a Globo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, ver ROSAS, 2013). Aqui estendemos a ponderação de Rosas, observando que existem implicações socioculturais na análise dessas bandas e cantores midiáticos que extrapolam o que geralmente denominamos de “campo religioso”. Observamos, através das letras de canções da banda “Rosa de Saron”, a forma através da qual o conteúdo dessas canções responde, num só passo, a contextos de mercado religioso e fonográfico.

Rosa De Saron

Criada no ano de 1988, na cidade de Campinas-SP, este grupo musical surgiu dentro da Renovação Carismática Católica. Em sua fase inicial, entre 1988 a 2001, o surgimento desta banda com um estilo pouco convencional para os padrões tradicionais era uma de suas principais características, pois em suas performances e letras a banda conservava referências cristãs, intercalando orações e mensagens de cunho católico com um estilo hard rock. Porém, a adoção deste estilo fez com que continuamente os membros enunciassem constantemente o distanciamento de aspectos tipicamente “profanos” do rock que são considerados impuros, dentro de uma perspectiva clássica do cristianismo. Esta banda até o fim de 2014 gravou 13 discos, onde alguns se tornaram DVD's, como o “Acústico e ao Vivo” lançado no ano de 2008 em parceria com uma gravadora específica do segmento católica (CODIMUC) e outra, secular (Som Livre).

A época de maior sucesso da banda se deu a partir deste acordo entre as gravadoras. No mesmo ano de 2008 receberam seu primeiro disco de ouro. Fato este que consolidou ainda mais a banda como uma referência para o pop rock cristão. Inúmeros prêmios e títulos foram concedidos à banda após este período, rendendo até uma indicação ao Latin Grammy Awards. Rosa de Saron tem seus produtos divulgados em rede nacional por canais que não são do segmento católico, fortalecendo e intensificando seu trabalho através da gravadora Som Livre, com a qual ainda mantém contrato.

No álbum “Depois do Inverno”, lançado em 2002, Rosa de Saron trazia ao público um novo formato. O antigo vocalista Marcelo Machado se desligara da banda, e em seu lugar Guilherme de Sá assumia o vocal do grupo. Esta troca de vocalista provocou algumas mudanças mais nítidas na banda. A pegada e demarcação de um estilo hard rock deixaram de ser tão acentuadas, passando-se a adotar também um novo estilo que seria mais próximo às músicas populares românticas do universo secular. Podemos notar em uma análise das músicas e também de seus conteúdos que esta mudança é gradual. Desde o primeiro álbum, “Diante da Cruz”, este estilo próximo a um estilo romântico já se apresentava numa das faixas (a última, chamada “recomeçar”), apesar de ainda predominar o rock.

No álbum “Angústia Suprema” lançado em 1997, ainda com o antigo vocalista Marcelo Machado, as músicas traziam algumas características bastante demarcadas do rock, mas ao mesmo tempo outras duas músicas do disco carregavam uma tonalidade mais melodramática e tênue. Porém esta característica ainda se passava despercebida em meio a tantas músicas marcadas com solos de guitarra e sonoridade típicas do rock.

Importante frisar que houve mudanças na composição da banda que não se restringiram apenas ao vocalista. Originalmente um tecladista e um baixista fizeram algumas participações apenas nos primeiros álbuns. Mudança esta que pode ser diretamente sentida quando se escuta a música, pois o baixo e teclado eram fortemente acentuados durante as melodias dos primeiros álbuns.

Paralelamente a este espectro de mudança do estilo musical da banda, devemos contextualizar os acontecimentos. Até o ano de 2002 o Rosa de Saron tinha apenas dois álbuns lançados e pouco reconhecimento no cenário católico nacional e nenhum reconhecimento internacional. Sua ascensão se deu a partir da mudança de vocalista, que de forma mais acentuada colocou a banda em um novo estilo, porém por vezes tentando conservar o hard rock que os caracterizara. Porém, o que podemos considerar como rock pesado foi deixado de lado, e um estilo mais romântico, por vezes dramático, passou a impregnar em grande parte das músicas desta banda. Paralelamente ela se inseriu em outros meios que não são demarcadamente religiosos, ampliando seu público-alvo.

Análise do conteúdo das letras

Durante o processo de análise das letras podemos utilizar alguns recortes temporais para que possamos compreender as mudanças externas, como a troca de vocalista e de gravadora, associando isto ao conteúdo produzido pela banda.

Nossa análise compreende todos os discos da banda: “Diante da Cruz” (1994) com oito canções; “Angústia Suprema” (1997), dez canções; “Olhando de Frente” (1999), três canções; “Depois do Inverno” (2002), doze canções; “Casa dos Espelhos” (2005), doze canções; “Acústico” (2007), quatorze canções; “Acústico e Ao Vivo” (2008) dezesseis canções; “Horizonte Distante” (2009), treze canções; “Horizonte Vivo Distante” (2010), quinze canções; “Siete Caminos” (2011), sete canções; “O Agora e o Eterno” (2012), dezessete canções; “Latitude Longitude” (2013) com quinze canções e por fim “Cartas ao Remetente” (2014), com quatorze canções. Retiramos as canções repetidas dos álbuns de estúdio nos álbuns ao vivo para evitar a duplicação de conteúdo. Analisamos as palavras utilizadas nas canções dentro do software qualitativo NVIVO 10.0, formando nuvens de palavras associadas aos cortes temporais propostos, como segue. As nuvens de palavras montadas pelo programa apresentam duas características: o tamanho de cada palavra é proporcional à

sua frequência no corpus de análise, e a proximidade entre elas no gráfico indica a proximidade dessas palavras nas canções.

Assim, procedemos aqui uma análise sintática das canções, atentando à frequência de palavras nas letras das músicas. Concordamos com Bauer que esse uso “puramente descritivo” da análise de conteúdo apresenta-se como “mais simples, e menos interessante” (BAUER, 2002, p. 194). Por isso, delimitando o contexto significativo das músicas, procederemos a análise segmentando as músicas em cortes temporais, fazendo uma constatação chave e depois retornando ao sentido das letras, com base nessa constatação.

Inicialmente analisaremos dentro de um recorte temporal que compreende os três primeiros álbuns da banda “Rosa de Saron”, de 1994 a 1999, sendo “Diante da Cruz” (1994), “Angústia Suprema” (1997) e “Olhando de Frente” (1999). Na análise das letras destes álbuns, as palavras “amor”, “você”, “viver” e “Deus” são as que aparecem com maior frequência. A proximidade destas palavras, com “Deus” bem ao centro das mais citadas, indica que as músicas apresentam conteúdo marcadamente religioso.

Chama à atenção a presença de um grande número de palavras-instrumento, ou seja, “palavras funcionais de ligação” (BARDIN, 2011, p. 82). Quando traçado este mesmo mapa de frequência de palavras nas letras compostas após a entrada de Guilherme de Sá, no ano de 2001, a sequência mais utilizada de palavras passa a ser “você”, “mais”, “aqui”, e “tudo”. Apenas uma palavra permanece entre as mais utilizadas nos dois contextos (a palavra-instrumento “você”), mas mesmo o referente predominante deste pronome muda consideravelmente nas letras.

construída desde o ano de 1988 até 1994, quando gravaram o primeiro disco. Seria este um momento de reafirmação cristã, principalmente através das letras das músicas que fazem referências diretas a Deus, carregando palavras que trazem um sentido religiosamente marcado, como “cordeiro”, “Cristo”, e “salvador”.

A palavra “aqui” aparece em dois momentos diferentes, sendo na troca de vocalista a partir de 2001 e também em 2008 com a filiação à Som Livre. Esta palavra em específica nos remete a uma compreensão de um chamado através da música enquanto oração, sendo este chamado direcionado para “algo” que possivelmente é Deus, pedindo graças a um indivíduo que se encontra em determinado local, “aqui”. Em um trecho temos “Manda teu espírito, vem me abraçar, pra eu não chorar, preciso de ti, aqui, pra me consolar” (“As dores do silêncio”, FARO, 2006). Encontramos esta mesma palavra em outras músicas, que compreendem a mesma interpretação que utilizamos acima.

“Tudo” aparece em três dos quatro cortes que utilizamos. Para nossa análise ela não reserva nenhuma característica oculta ou desmarcada como outros casos. Apenas seu amplo sentido que na maioria das vezes compreende um tudo no sentido da vida e seus inúmeros aspectos. Na mesma situação podemos encaixar a palavra “vida”, que é utilizada como determinado bem que os indivíduos possuem, e que devem colocar ela a disposição dos desígnios divinos. “Não quero minha vida igual a tudo que se vê, pois em você me sinto forte, em você não temo minha sorte” (“Minha Triste Imperfeição”, ALVA; FELTRIN, 2009).

Já a palavra “amor” aparece em dois contextos, sendo o que compreende ao período inicial da banda com o vocalista Marcelo, e também ao período em que a banda fazia parte da gravadora CODIMUC. Em certos casos esta palavra aparece ligada a alguns pronomes, fazendo referência por vezes de um amor superior, que compreendemos como oriundo de Deus, e também dos indivíduos para o próprio Deus. Veja-se, por exemplo: “Um sacrifício feito só por amor” (“Diante da Cruz”, MACHADO; FARO; FELTRIN, 1994) e “Disse que o amor

numa cruz ele provou” (“Noite Fria”, FARO, 1994). Nestes trechos notamos referências bíblicas, onde Jesus morre por amor aos humanos.

Em casos posteriores notamos que este mesmo amor oriundo de uma relação da divindade com humanos, não se faz presente em outras letras como “Fazer, falar... que amar é se dar um pelo outro” (“No Meu Coração”, SÁ, 2008). Neste trecho fica claro que a frase pode fazer sentido no plano de um relacionamento entre dois indivíduos, interpretação que nos leva a compreender parte das músicas como ambíguas, pois fica indeterminado se o amor em questão trata-se daquele entre Deus e os humanos ou dos homens entre si.

Por último, atentamos à palavra “você”, que está entre as três mais utilizadas em todos os recortes de tempo. Este pronome utilizado em inúmeras músicas da banda deixa brechas de interpretação e em alguns casos há uma dupla possibilidade do pronome ser tanto referir-se à Deus, ou uma pessoa em específico. Em outros casos este “você” também pode ser compreendido como uma forma direta de diálogo de Deus com seus fiéis. “Eu busco asas pra voar, pra bem mais perto de você” (“Muitos Choram”, SÁ, 2002). Nesta frase o “você” faz referência a um sujeito que tanto pode ser considerado uma pessoa, ou mesmo uma entidade sagrada: “Eu vim aqui só pra dizer, que eu sou louco por você” (“Apenas uma Canção de Amor”, SÁ, 2002). Novamente encontramos a mesma situação em outra letra da banda, em um contexto que nos faz compreender que a música é de uma pessoa para outra, e que o religioso se encontra bem distante, e há um predomínio de um gênero musical mais próximo do romântico.

“A vida é um cassino, e você a ficha” (“Cassino Boulevard”, SÁ, 2012). Esta é uma das letras da banda que mais fizeram sucesso, tendo sido veiculada no lançamento do álbum através de um videoclipe que narra a história de um homem com problemas pessoais que se enraízam em vários aspectos de sua vida, como relacionamento com esposa, filho e trabalho. Ao final, em um acidente de trânsito, ele supostamente perde a vida ao levar um tiro de outro indivíduo. Esta música contextualizada através das imagens é o que mais nos

remete a compreensão de que este “você” tem um indivíduo como referente, e não Deus.

A última contextualização que voltamos nossa análise é da música Máquina do Tempo (2012). Nesta canção uma história é contada, onde o tempo é primordial e existe um desejo que ele pare para que supostamente se possa aproveitá-lo mais, com uma suposta companhia que a canção deixa em aberto. Porém, no videoclipe lançado, o contexto é de dois indivíduos que querem e necessitam de mais tempo juntos para viver este suposto amor. Porém por traz do conteúdo, e buscando as origens e o meio religioso da banda, nos cabe uma interpretação de que também caberia na mesma situação ser Deus aguardando seu filho, esperando o tempo dele. “E ainda se eu conseguisse uma máquina que parasse o tempo / Você estaria ao meu alcance? / Não importa, eu te espero”. (“Máquina do Tempo”, SÁ, 2012)

Difusão fora do meio católico

No site oficial da banda encontramos uma descrição sobre o grupo, que ressalta sutilmente seu sucesso fora do meio religioso. Posição esta que é nítida quando analisamos a discografia, trajetória e o próprio perfil da banda. Esta inserção midiática fez com que se intensificassem uma vertente e estilo das melodias que em seu primeiro álbum ainda era muito pequeno.

A necessidade de adequar o estilo da banda a uma demanda do marketing ou do novo público que eles buscam conquistar acaba por fomentar a guinada brusca de estilo musical que notamos comparando, por exemplo, o primeiro e o último álbum da banda. Apesar desta mudança, Rosa de Saron ainda se identifica como uma banda de rock católico.

O incremento de consumo de música religiosa industrializada para as massas (tipicamente chamada de “consumo religioso”, ao que preferimos a categoria de “bens de marcação religiosa”, ver ALVES, 2015), assinala uma difusão de uma mensagem religiosa não tão marcada nas letras como no período inicial da banda. Entre alguns fatores que tiram a característica predominante de “banda católica” podemos elencar um processo de

“racionalização”, ou seja, da gradativa reorientação de uma atividade que diz respeito a valores (passar uma mensagem religiosa, para a salvação de quem a difunde e quem a ouve) para outra, que incorpore também ações que dizem respeito a fins (manter o empreendimento econômico). Eles utilizam a mídia convencional, meios de divulgação convencionais e profissionais de marketing, trabalhando e divulgando sua imagem como qualquer outro grupo musical sem filiação religiosa.

Esta aceitação fora do circuito católico também pode ser compreendida como resultado de uma ambiguidade e desmarcação das letras enquanto músicas religiosas. Em não enunciar ou não utilizar palavras muito marcadas, produz-se um tipo de evangelização não tradicional que torna possível que alguém goste da banda mesmo não sendo católico, ou mesmo sem reconhecer a “catolicidade” da mensagem. Um novo mercado se abre, podendo eles atingir não somente os cristãos, mas os consumidores de música em geral, tanto os que se identificam com a religião, mas não desejam ouvir músicas diretamente religiosas, ou aqueles que simplesmente se interessam pelo estilo ou sonoridade da banda.

Como afirma Selene Ferreira, em dissertação sobre o mercado de música católica, “Muitas canções que já não possuem uma relação fortemente marcada com o rito adentram o cotidiano das pessoas e se tornam produtos culturais inseridos na lógica de mercado. As gravações tomam importância e os músicos visibilidade” (FERREIRA, 2013, p. 41). Sem dúvidas este é o caso da banda que nos propomos analisar, pois a mesma tem certa autonomia e não necessariamente tem uma filiação única e direta com o meio religioso.

A tensão entre rito e mercado enunciada na citação é relevante por dois motivos. Em primeiro lugar, porque enuncia claramente uma separação entre o mundo do sentido religioso e a lógica do mercado de produtos culturais. Isso se deve a aspectos que enfrentarei na conclusão. E em segundo lugar, porque não considera o aspecto propriamente ritual do consumo, bastante enfatizado por Mary Douglas e Baron Isherwood (2009).

Conclusão

Geralmente, e em especial nos espaços considerados públicos, a medida da laicidade é dada pela presença ou não-presença de símbolos religiosos nos lugares. As marcações, aqui, ganham as propriedades do signo, pois elas estabelecem uma homologia entre o poder das religiões e o da política formal. Essa lógica da contiguidade dos poderes pela visibilidade dos signos, muito em evidência quando estamos falando de crucifixos em tribunais (SILVA, 2016) ou sessões evangélicas no Congresso Nacional (DUARTE, 2011), deve ser redimensionada em outros âmbitos. No mercado, por exemplo.

Isso não quer dizer que não haja no mercado de bens com marcação religiosa produtores que a reforcem para atender a um segmento, aliás, essa é a regra. Poderia mencionar, rapidamente, Cancão Nova como um bom exemplo de que isso acontece, e indicar algo da produção recente (SENA, 2013, 2014; OLIVEIRA, 2014). a respeito desse híbrido de congregação, mística e empresa de “reforço católico”. Em nossos casos, vimos que, dependendo da disposição dos atores e da estratégia frente ao cenário, pode fazer mais sentido desmarcar para atingir mais pessoas dispostas a comprar, e assim sustentar o sentido propriamente religioso do empreendimento, seja para manter a fábrica de camisetas em tempos de crise, seja deixando que os ouvintes “completem a mensagem” por dentro de canções que não são explicitamente religiosas.

Aliás, para os que marcam ou desmarcam bens com religião, vale o mesmo que o referido para as músicas da banda católica que analisamos. Retomando: a “gradativa reorientação de uma atividade que diz respeito a valores para outra, que incorpore também ações que dizem respeito a fins”, com todos os conflitos inerentes a essa passagem e a esse convívio entre lógicas de campos distintos, o religioso e o econômico. A elaboração desse liame entre essas lógicas como “teologia prática”, no campo evangélico e especialmente no pentecostal, pôde se desenvolver como um tópico específico, “teologia da prosperidade”. Dentro desse enquadramento, é possível a justificação do aspecto inevitável do campo econômico de que muitos se dão mal para que

poucos se deem bem, num sinal de salvação que resolve tanto a prosperidade do indivíduo quanto da igreja dele: “foi Deus quem me deu”. Nessa pequena expressão, evidencia-se a lógica do desinteresse religioso (afinal, não fui eu quem quis, foi-me dado por Aquele que detém tudo) para ocultar-se tanto o desejo egoísta do sujeito em ter e em usufruir, quanto a explicação religiosa para o fato de que outros não tem e não usufruem.

A teologia da prosperidade pode ser vista como uma teologia prática com uma produção literária específica evangélica e/ou pentecostal, ou mesmo como a linha definidora de práticas de instituições como a Igreja Universal. Contudo, considero a “teologia da prosperidade” como epifenômeno de uma reorientação da atenção religiosa em direção à produção e ao consumo dos bens que influi em largo espectro no campo das religiões. Uma reorientação que, por *afinidade eletiva*, cabe muito bem na transição de uma sociedade industrial composta por classes trabalhadoras para uma sociedade da informação que se define por consumidores individuais.

Essa reorientação, a meu ver, passa pelo reconhecimento de que “fins” e “valores” não são mutuamente excludentes ou redutíveis um ao outro no plano da interpretação da ação social. Tendemos a ver, de um ponto de vista idealista informado por certa tradição alemã de pensamento, fins e valores compondo dimensões sociais, *Gesellschaft* e *Gemeinschaft*. Duas maneiras de sustentar essa separação, segundo Zelizer (2005), seriam colocá-las como “esferas separadas” ou reduzir uma esfera a outra, falsamente superando a dicotomia (tal ou qual fato econômico é “nada mais é que cultura”, ou tal ou qual fato cultural é “nada mais é que interesse”, econômico ou político).

A concepção de uma “dessacralização” do mundo, proporcionado pelo mercado ou pela ciência, ratifica a concepção das “esferas separadas” comum nas Ciências Sociais e além delas. Aí chegamos à secularização: por conta da adoção de ações racionais com respeito a fins econômicos dentro de empresas que divulgam mensagens religiosas através de mídias (música, camiseta), e que inclusive sublimam ou suprimem parcialmente o aspecto religioso dos bens,

podemos dizer que isso tenha a ver com “dessacralização” do religioso proporcionada pela secularização da vida? Se assim for, teremos que considerar a edição de livros universitários (fora da Teologia) por editoras ligadas a congregações católicas, muito mais antiga que o fenômeno da música gospel, da mesma forma. Mesmo que pudéssemos interpretar dessa forma, o que ganharíamos em termos analíticos?

A meu ver, não muito. Porque esse tipo de raciocínio desvia o olhar tanto do processo de secularização como reconfiguração (HERVIEU-LÉGER, 2008) quanto das condições socioculturais de consumo dos bens, em suas interações complexas entre intimidade e impessoalidade. Voltando a Zelizer (2005), diria que o uso dos bens não apenas “estabelecem e mantêm relações sociais” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 105), mas também estabelecem e/ou repactuam os limites cognitivos entre “nós” e os “outros”. Isso acontece na medida em que os dispositivos de apreciação semiótica e estética desses bens são compartilhados como parte da “intimidade” de um grupo de pessoas que se define, por exemplo, como “evangélico”. Especialmente entre os jovens, saber dos grupos musicais, dos melhores pregadores ou pregadoras e das tendências da moda é algo fundamental para tornar-se de “dentro”, mais do que a absorção de princípios teológicos das encíclicas papais ou da Reforma. Até para entrar em contato com esses princípios, se houver interesse neles, torna-se necessário comprar uma Bíblia comentada ou um livro, ver um DVD, contribuir para o empreendimento religioso. Todos esses temas (a melhor tradução, o melhor livro, a melhor igreja ou agente religioso) são intensamente discutidos na intimidade dos grupos religiosos, e exige deles uma abertura à dimensão supostamente “impessoal” das relações mediadas pelo dinheiro.

Antes que acabe, quero ainda dizer que não estou entendendo que a condução profissional das carreiras de cantores e bandas católicas as tornou necessariamente mais “evangélicas”. Agora, no Brasil, aqueles que iniciaram o processo de reorientação da produção musical religiosa que permitiu a profissionalização da produção cultural e a inserção no mercado secular nas décadas de 1980 e 1990 vieram dos segmentos evangélicos, e sim, levaram de

roldão os artistas católicos (ROSAS, 2013). Claro que existiram músicos católicos populares muito antes disso, mas os contextos históricos e a lógica da produção são sensivelmente diferentes antes da antigamente e agora. Entender o sentido dessas mudanças levará certamente a uma compreensão da “generalização do religioso” em curso hoje.

Referências Bibliográficas

ALVES, D.. Pentecostalismo, globalização e consumo: uma reflexão teórica sobre os bens de marcação religiosa. In: ORO, Ari Pedro; RODRIGUES, Donizete. (Orgs.). **Transnacionalização religiosa: religiões em movimento**. Porto Alegre-RS: Cirkula, 2015. p. 43-54.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DUARTE, T.S. “**A casa dos ímpios se desfará, mas a tenda dos retos florescerá**”: a participação da Frente Parlamentar Evangélica no legislativo brasileiro. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011.

FERREIRA, S. **Das Igrejas Para os Palcos**: O Mercado da Música Católica - Apropriações e Ressignificações. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2013.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, E.M. Semânticas de “Canção Nova”: relações de duplo vínculo e segredo em pesquisas sobre a Comunidade de Vida Canção Nova. SILVA, E.J.S.; SOFIATI, F.M. (orgs.). **Novas leituras do Campo Religioso Brasileiro**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

ROSAS, N. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 1, p. 167-193, 2013.

SILVA, C. A. Símbolos religiosos em espaços públicos: para pensar os conceitos de laicidade e secularização. **Numen**, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 154-173, 2016.

SENA, E.J.S. Quando o Espírito está nas coisas: produtos de Evangelização da Comunidade Canção Nova. Trabalho apresentado em: **Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina**, 17. Porto Alegre: Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul, 2013.

_____. **Catolicismo, Mídia e Consumo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Volume 1. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ZELIZER, V. Circuits within capitalism. In: NEE, Victor; SWEDBERG, Richard (orgs.). **The economic sociology of capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 289-321.

Matérias jornalísticas

“ANJOS e demônios” desperta a ira da Igreja Católica antes mesmo da estreia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 mai 2009. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/anjos-demonios-desperta-ira-da-igreja-catolica-antes-mesmo-da-estreia-3169924#ixzz4hjnif6NIM>, acesso em 22 mai 2017.

ARTISTA é proibida de fazer escultura de santos inspiradas na cultura pop. **Jornal O Popular/G1 Goiás**, Goiânia, 1 jun 2016. Disponível em <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/artista-%C3%A9-proibida-de-fazer-escultura-de-santos-inspiradas-na-cultura-pop-1.1095344>, acesso em 22 mai 2017.

Documentos sonoros no todo

ROSA DE SARON. **Diante da Cruz**. CODIMUC, 1994.

_____. **Angústia Suprema**. CODIMUC, 1997

_____. **Olhando de Frente**. CODIMUC, 1999.

_____. **Depois do Inverno**. CODIMUC, 2002.

_____. **Casa dos Espelhos**. CODIMUC, 2005.

_____. **Acústico**. CODIMUC, 2007

_____. **Acústico e Ao Vivo**. CODIMUC; Som Livre, 2008.

_____. **Horizonte Distante**. Som Livre, 2009.

_____. **Horizonte Vivo Distante.** Som Livre, 2010.

_____. **Siete Caminos.** Rosa de Saron, 2011.

_____. **O Agora e o Eterno.** Som Livre, 2012.

_____. **Latitude Longitude.** Som Livre, 2013.

_____. **Cartas ao Remetente.** Som Livre, 2014.

Documentos sonoros em parte

ALVA, A., FELTRIN, R. Minha Triste Imperfeição. In: ROSA DE SARON. **Horizonte Distante.** Som Livre, 2009, faixa 08.

FARO, E. As dores do silêncio. In: ROSA DE SARON. **Casa dos Espelhos.** CODIMUC, 2005, faixa 04.

FARO, E. Noite fria. In: ROSA DE SARON. **Diante da Cruz.** CODIMUC, 1994, faixa 08.

MACHADO, M.; FARO, E.; FELTRIN, R. Diante da cruz. In: ROSA DE SARON. **Diante da Cruz.** CODIMUC, 1994, faixa 06.

SÁ, G. Cassino Boulevard. In: ROSA DE SARON. **O Agora e o Eterno.** Som Livre, 2012, faixa 02.

SÁ, G. Máquina do tempo. In: ROSA DE SARON. **O Agora e o Eterno.** Som Livre, 2012, faixa 05.

SÁ, G. Apenas uma Canção de Amor. In: ROSA DE SARON. **Depois do inverno.** CODIMUC, 2002, faixa 11.

SÁ, G. Muitos Choram. In: ROSA DE SARON. **Depois do inverno.** CODIMUC, 2002, faixa 10.

SÁ, G. No Meu Coração. In: ROSA DE SARON. **Depois do inverno.** CODIMUC, 2002, faixa 05.